

MIGUILIM: SUAS ESTÓRIAS E SUA ESTÓRIA

JOSMARI CORREIA DIAS FELICIO*

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar a narrativa Campo Geral de João Guimarães Rosa, a partir da teoria semiótica greimasiana. Dois aspectos serão abordados: a aquisição da competência e a realização da performance, no que diz respeito ao nível narrativo, e a delegação de voz, no que diz respeito ao nível discursivo.

Inicialmente, algumas considerações acerca do nível fundamental serão feitas; depois, um estudo dos componentes sintáticos dos níveis narrativo e discursivo, que abrangem os aspectos a serem analisados.

Campo geral é a primeira das sete narrativas de *Corpo de Baile*, livro que passou a ser dividido a partir da terceira edição em três volumes. Campo geral faz parte do primeiro volume, *Manuelzão e Miguilim*.

Miguilim, o protagonista da narrativa de apenas oito anos, é dotado de sensibilidade aguçada. É também o personagem que quer sempre saber mais, que busca conhecer e ser conhecido. Ao mesmo tempo, procura preservar a visão infantil das coisas e do mundo.

Dirce Côrtes Riedel, em artigo intitulado *Minha gente, Miguilim...e outras estórias*, afirma que alguns personagens das narrativas de Guimarães Rosa são eleitos para empreender uma aventura poética. Miguilim é uma das testemunhas dessa aventura, querendo sempre mais olhos para ver. Quando não consegue respostas imediatas para suas perguntas ele é capaz de engendrar formulações poéticas.

A análise a partir de Miguilim é adotada neste estudo.

* Mestranda do Programa.

AS VOZES E AS ESTÓRIAS EM CAMPO GERAL

A semiótica greimasiana se ocupa da análise interna do texto procurando explicar seu sentido pelo exame, em primeiro lugar, do plano de conteúdo. Para tanto, cuida da construção do percurso gerativo do sentido, num processo que parte das estruturas mais simples às mais complexas.

Distinguem-se três patamares no percurso gerativo. O nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. Cada nível é dividido em dois componentes: um sintático e um semântico.

No nível fundamental, encontra-se o mínimo de sentido, determinado pela relação de oposição entre dois termos, a partir do qual o texto é construído.

Em Campo geral, o sentido mínimo é construído sobre a oposição **ignorância e saber**. Como já se disse, Miguilim é o personagem que *quer saber mais*, metaforizado por *querer ver mais*.

O percurso do texto segue da ignorância para a não-ignorância e, finalmente, para o saber. Na última fase, dá-se a passagem da negação da ignorância para a afirmação do saber.

A ignorância é um valor disfórico e o saber, eufórico. O texto parte, então, da disforia para a euforia e pode ser considerado um texto euforizante.

No nível narrativo, o equilíbrio inicial de Campo geral é rompido a partir da viagem de Miguilim e seu tio, para que Miguilim pudesse ser crismado.

A viagem desperta em Miguilim o desejo de conhecer, quando lhe dizem que o Mutúm, onde mora, é um lugar bonito. Assim, como sujeito, Miguilim assume os valores fundamentais ignorância e saber, como disfórico e eufórico, respectivamente. Ele procura estar em conjunção com o objeto valor representado pela categoria eufórica saber.

Seduzido pelo destinador-manipulador, o **desejo de conhecer**, Miguilim é induzido a **querer-fazer**, fazer representado pelo saber.

Para adquirir a competência de **saber-fazer**, ele é capacitado para contar estórias.

Estando, então, apto a criar estórias, a fazer de conta, Miguilim consegue viver realidades que se diferenciam temporal e espacialmente da realidade em que vive.

Sua imaginação, que vai além do real, alimenta-se das estórias que ouve e quando elas não lhe bastam, ele vivencia suas próprias estórias.

A performance de Miguilim se realiza a partir do **poder-fazer**, do saber contar estórias como uma vontade criadora, como uma busca de entendimento maior, um simulacro de sua ação transformadora do mundo.

Assim, as estórias são as respostas que busca em sua própria consciência para resolver as dúvidas em relação ao conhecimento do mundo ao seu redor e ao conhecimento de si mesmo.

Miguilim conta suas estórias para:

- * entender porque sua morte está próxima:

Em geral que, a gente carecia de querer pensar sòmente nas coisas que devia de fazer, mas o governo da cabeça era erroso - vinha era toda iléiu ruim das coisas que estão por poder suceder! Antes as estórias. Do pai de seo Soande vivo, estória do homem boticário, Soande (p. 34).

- * extravasar sua alegria por saber que não vai morrer:

Chegasse em casa, uma estória ao Dito ele contava, mas estória toda nova, dele só, inventada de juízo: a nhá nhambüzinha, que tinha feito uma roça, depois vinha colher em sua roça, a Nhá Nhambüzinha, que era uma vez! Essas assim, uma estória --não podia? Podia, sim! (p. 48).

- * resolver o que é certo ou errado:

Ah, meu-deus, mas, e fosse em estória, numa estória contada, estôriuzinha assim ele inventando estivesse — um menino indo levando o tabuleirinho com o almoço — e então o que era que o Menino do Tabuleirinho decifrava de fazer? Que palavras certas de falar?! (p. 57).

- * tentar curar seu irmão Dito que está seriamente doente:

E o Dito mesmo gostava, pedia: - —'Conta mais, conta mais...' Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não

esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior. Se lembrava de seu Aristeu. Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo (p. 73).

Suas estórias são, portanto, uma maneira de resistir quando os problemas à sua volta parecem insolúveis. Mas a sanção positiva não ocorre.

Há uma segunda ruptura na narrativa — a primeira foi a viagem — provocada pela morte do irmão preferido, Dito. Quebra-se, então, a performance de Miguilim pois seu **poder-fazer** não impede a morte do irmão.

Diante dessa fatalidade, Miguilim perde a motivação e não consegue mais evadir-se para outros mundos construídos em seus sonhos. As estórias deixam de ser um alento para sua dor pois não conseguiram impedir a morte do irmão:

Nem queria ouvir os berros da vaca Acabrita e da vaca Dabradiça. Nem inventar mais estórias. (p. 82) Por tudo, tinha perdido mesmo o gosto e o fácil poder de contar estórias (p. 87).

Miguilim inicia, então, outro percurso. Nesse novo percurso, a sanção é positiva, pois mesmo sem contar estórias, ele adquire a vidência interior pelo aprendizado com a morte do irmão e pela aquisição dos óculos que o fazem tomar ciência do espaço à sua volta. Miguilim passa a perceber, então, que o Mutúm já é limitado para que possa adquirir novos conhecimentos. Por isso, ele deixa o Mutúm junto com um médico, o dr. José Lourenço. Portanto, como afirma Benedito Nunes em *O dorso do tigre*, tem-se a nítida impressão de que *a vida de Miguilim começa quando a história acaba* (p.117).

No decorrer da narrativa, Miguilim passa por estados de tensão e relaxamento, dos quais os principais são:

* estado inicial de inquietação (o não-saber):

Miguilim conhecia, pouco entendendo. Entretanto, a mata, ali perto, quase preta, verde-escura, punha-lhe medo (p.06).

- * estado de frustração (o não poder-fazer):

Miguilim mal queria pensar (p.73).

- * estado final de satisfação, com a aquisição do conhecimento:

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância (p.101).

No nível discursivo, o que interessa a este estudo é a análise da debreagem actancial, que abrange a questão do foco narrativo e da delegação de voz e que pertence ao componente sintático.

Como os verbos do texto apresentam-se conjugados na terceira pessoa, o efeito obtido é de ausência do narrador como personagem da narrativa.

O sujeito da enunciação institui um delegado da voz, atribuindo-lhe o **dever-fazer**, instaurando-o como sujeito, e o **poder-fazer**, dotando-o de voz. Dessa forma, o sujeito da enunciação projeta seu discurso por metonímia, escolhendo como narrador uma **não-pessoa** (o *ele*). Cria-se um efeito de ilusão de distanciamento da enunciação, num processo conhecido como debreagem enunciativa de primeiro grau:

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutúm (p. 03).

Nesse primeiro parágrafo, o narrador apresenta dois fatos que interessam apenas a Miguilim:

- * o fato de Miguilim ir à frente da sela no cavalo, durante a viagem.

- * a afirmação, por outro personagem, sobre a beleza do Mutúm. O narrador delega a voz a um dos interlocutores, através do discurso direto, criando um efeito de realidade. Ocorre aqui uma debreagem interna.

A história passa, então, a ser narrada a partir do ponto de vista do protagonista. Ou seja, os fatos são filtrados pelo narrador a partir da visão do personagem - menino Miguilim.

Escolhendo um narrador de terceira pessoa, o sujeito da enunciação pretende criar um efeito de objetividade dos fatos narrados. Mas esse narrador delega a voz ao protagonista. O discurso do narrador passa a englobar o discurso do menino Miguilim, mas mantendo a autonomia da voz da criança.

O jogo da enunciação consiste, portanto, no cruzamento da voz do narrador com a voz de Miguilim. Nesse caso, as fronteiras entre a fala do narrador e a fala do personagem não são nítidas.

Os traços que caracterizam a invasão da voz da personagem na voz do narrador são:

* o narrador **deixa escapar** na sua voz palavras como o verbo *sei*, os pronomes *nossa* e *minha*.

* às vezes, não é possível reconhecer o sujeito de alguns verbos:

Nada não. Estava falando nada (p.28).

* o uso de frases exclamativas e interrogativas que expressam o sentimento do protagonista.

Aonde o pai teria ido? (p.12).

* o uso abundante de diminutivos que remetem ao universo infantil: *paninho remolhado, pelourim, sozim* (p.96, p.15).

* uso constante de recursos como o discurso indireto livre e o monólogo interior.

Segundo Dante Moreira Leite, no ensaio *Campo geral*, a história não poderia ser narrada, nem pelo protagonista, a não ser como evocação, e nem por um narrador onisciente, pois a perspectiva infantil seria perdida. O narrador, portanto, como um criador de disfarces, mascara a voz da narrativa, adotando a perspectiva da criança e fazendo com que *Campo geral* se assemelhe a uma narrativa de primeira pessoa disfarçada de terceira pessoa. Dessa forma, se Miguilim deixa de contar estórias externamente, isto é, aos narratários interiores, a história de *Campo geral* é a sua história, com a sua perspectiva, sua forma de resistência.

Analisando-se, rapidamente, a organização do texto dentro da semântica discursiva, tem-se como tema (a partir do ponto de vista de Miguilim) a **ignorância**, representada pela figura **miopia**, e o **conhecimento**, representado pela figura **óculos**.

CONCLUSÃO

Concluindo, Campo geral apresenta como oposição mínima no nível fundamental **ignorância vs. saber**, que são respectivamente, valor disfórico e valor eufórico. O percurso do texto é do valor disfórico para o valor eufórico.

No nível narrativo, o sujeito Miguilim assume os valores da oposição fundamental. Ele é seduzido pelo **desejo de conhecer**, e adquire a competência. Para tanto, Miguilim é capaz de engendrar formulações poéticas que são as histórias como uma maneira de responder às dúvidas quando as respostas dos adultos não lhe bastam. Ele, então, realiza uma primeira performance que tem sanção negativa. Depois, Miguilim realiza uma segunda performance, agora com sanção positiva.

No nível discursivo, observou-se que o sujeito da enunciação delega a voz a um narrador de terceira pessoa. Esse narrador adota a visão de Miguilim e provoca um cruzamento de vozes. Ou seja, em uma única construção linguística, percebem-se duas vozes diferentes.

Campo geral apresenta como tema principal a **ignorância** e o **saber**, que são figurativizados por **miopia** e **óculos**, respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NUNES, B. A viagem. In: ____. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 143-179. (Coleção Debates)
- ROSA, J. G. Campo geral. In: ____. *Manuelzão e Miguilim*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 3-103.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARROS, D.L.P. A sintaxe discursiva. In: ___ *A festa do discurso*. São Paulo: FFCHL - USP - Tese de Livre-Docência, 1985. p.130 - 151.
- BARROS, D.L.P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.
- GENETTE, G. Modo. Voz. In: ___ *Discurso da narrativa*. F.C. Martins. Lisboa: Vega, s/d. p.159 - 260.
- LEITE, D. M. Campo geral. In: ___ *Psicologia e literatura*. 4. ed. São Paulo: FUNDUNESP, 1987. p.178 -192.
- LEITE, L.C.M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985. (Princípios, 4).
- LISBOA, H. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E.F. (Org). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL, 1983. p.170 -178. (Fortuna Crítica).
- LORENZ, G. João Guimarães Rosa. In: ___ *Diálogos com a América Latina*. Trad. Abílio & Rodrigues. São Paulo: EPU, 1973. p.318 - 355.
- REIS, C., LOPES, A.C. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RESENDE, V.M. A trajetória do menino nas obras de Guimarães Rosa. In: ___ *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p.25 - 45.
- RIEDEL, D.C. Minha gente, Miguilim... e outras estórias. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n.8, p.29 - 45, 1988.
- RÓNAI, P. Os vastos espaços. In: ROSA, J.G. *Primeiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. p.xxix - lviii.